



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda São Fidélis

código
AIV - F12 - PS

localização
Rodovia RJ 151, km 13 - Engenheiro Carvalhaes, 1º distrito

município
Paraíba do Sul

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residencial e pecuária leiteira/ fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Paraíba do Sul

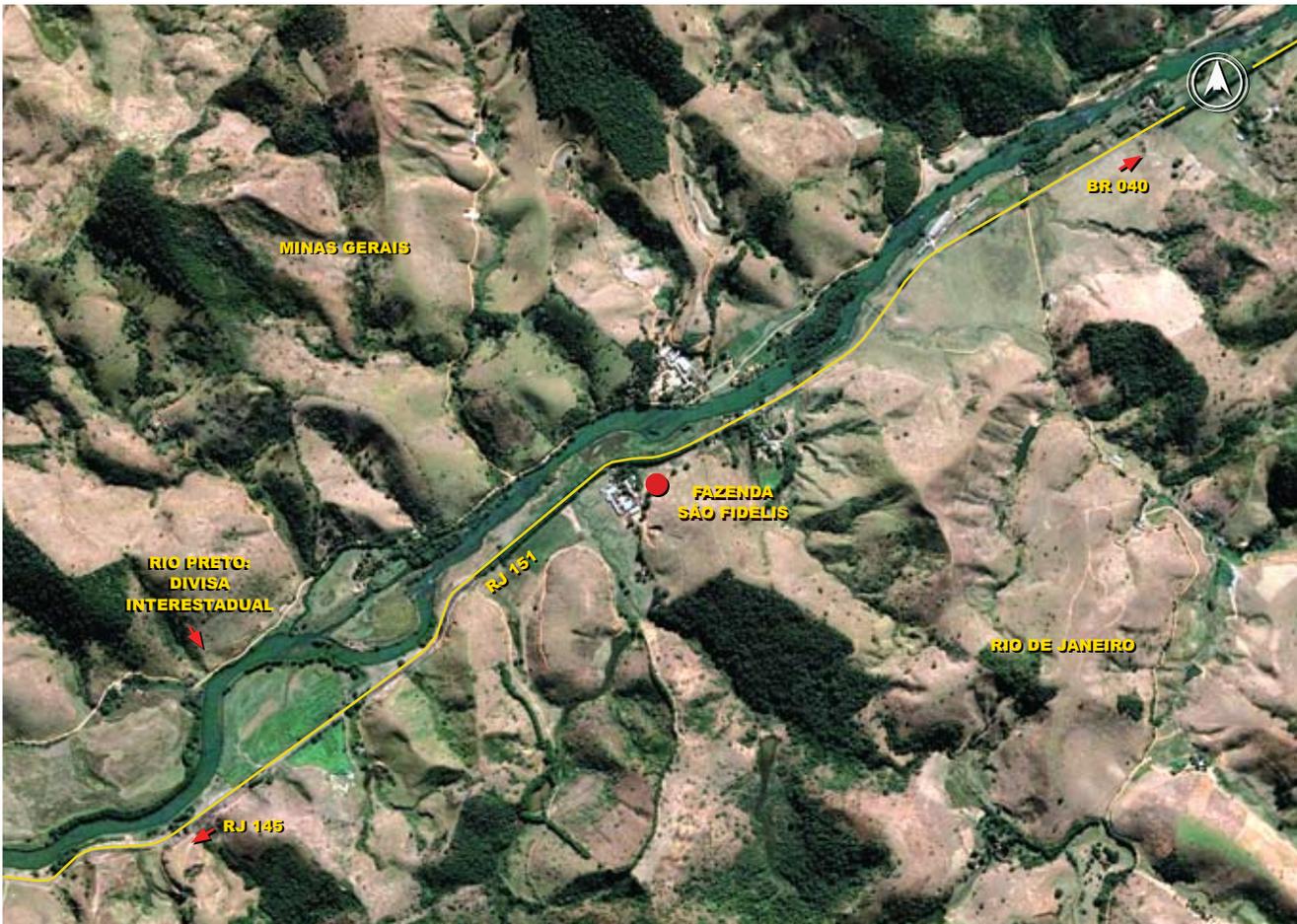


Fazenda São Fidélis, fachada principal

coordenador / data
equipe
histórico

Iracema Franco - jan 2008
Domingos Espíndola de Aguiar e Paola Giorgine
Adriano Novaes

revisão
Coordenação técnica
do projeto



situação



ambiência

A fazenda São Fidélis está localizada na RJ-151, que liga Monte Serrat a Valença, na localidade de Engenheiro Carvalhaes. Embora pertença a Paraíba do Sul, está mais próxima dos centros dos municípios de Comendador Levy Gasparian e de Três Rios. O principal acesso é feito a partir do entroncamento da BR-040 com a RJ-151, no município de Comendador Levy Gasparian, e dista deste ponto cerca de 20 km, seguindo por esta rodovia. A fazenda ocupa uma exígua área plana entre morros do tipo “meia laranja”, na margem direita do Rio Preto, junto à divisa com Minas Gerais (f01).

As margens do rio Preto guardam fragmentos de uma mata ciliar em recuperação e abrigam alguns belos exemplares de antigas fazendas de café, tanto em terras fluminenses quanto no lado mineiro (f02).

A sede, implantada em terreno de aclive suave, destaca-se na paisagem por sua volumetria de grandes dimensões e pode ser vista da estrada, antes mesmo de se chegar ao pórtico que marca o acesso da fazenda (f03). Este pórtico é formado por muro curvo de cantaria de pedra, que sustenta o gradil e o portão principal (f04), por onde se chega ao jardim que antecede a casa. Sombreado por palmeiras, jabuticabeiras e um pinheiro, o jardim possui ainda um antigo chafariz, em mau estado de conservação, além de uma piscina construída recentemente (f05).



01



02



03



04



05

Outro portal, situado à direita da casa-sede e alinhado com a fachada frontal, indica o acesso de veículos e serviços ao conjunto de galpões e demais construções ligadas à atual produção de leite (f06 e f07).

Ao fundo, no morro, poucas árvores se destacam junto à pequena represa que integra o sistema de abastecimento d'água da fazenda.

Os pastos tomam conta da paisagem e apenas o fundo do vale ainda apresenta resquícios da mata original (f08). À direita deste conjunto edificado corre, paralelo à sede, o riacho São Fidélis, que passa sob a estrada e deságua no rio Preto.



06



07



08

A sede da fazenda São Fidélis configura-se como um assobrado de dois pavimentos, com cerca de 1.300 m². Sua conformação em “L” formava originalmente dois lados do “quadrilátero funcional” da antiga fazenda de café (f09 e f10).

No primeiro piso estão localizados alguns depósitos e outros cômodos destinados às atividades e serviços de produção, como escritório e local de guarda de ferramentas.

No andar superior desenvolve-se a moradia da família. Ali estão dispostos os setores de convivência social e pouso de visitantes ilustres, a capela, os aposentos destinados à vida íntima da família, e os serviços de cozinha, copa e despensa.

No corpo frontal, uma escada em cantaria em forma de semicírculo, marca, junto com a porta de entrada, o eixo central de simetria, que orienta a fachada principal (f11 e f12). Esta é composta por dez janelas no primeiro pavimento, dispostas cinco de cada lado da portada e outras 11 janelas no segundo pavimento, alinhadas aos vãos do pavimento inferior (f13).

Todos os vãos apresentam vergas e sobrevergas retas, sem ornamentação, e esquadrias em madeira com abertura em duas folhas. No térreo, as janelas possuem folhas lisas e, no segundo pavimento, venezianas, complementadas internamente por esquadrias de vidro em guilhotina (f14).



09



10



11



12



13



14

Sobre a porta principal observa-se a inscrição “1847”, estampada numa cartela em estuque, indicando a provável data de construção ou reforma do prédio (f15). Todos estes elementos, embora despojados de ornamentação, são bem equilibrados e imponentes, denotando a sobriedade própria ao viés clacissizante.

O outro corpo que compõe o “L” desenvolve-se à esquerda do corpo frontal, formando a fachada de maior dimensão. Nesta fachada, os vãos superiores e inferiores não guardam o mesmo cuidado de alinhamento da fachada principal. No térreo há dois largos vãos, sendo apenas um deles de acesso ao interior da edificação, enquanto o outro serve a um único cômodo, um provável depósito, com piso em mármore com peças em preto e branco (f16). No segundo piso, 16 janelas com espaçamento constante, apresentam esquadrias diferenciadas, sendo nove delas com venezianas semelhantes às janelas do corpo frontal e outras sete mais ao fundo, com folhas lisas de madeira.

A fachada lateral direita do “L” abriga um jardim interno e possui quatro entradas. A primeira dá acesso diretamente apenas ao cômodo utilizado como oficina e guarda de ferramentas, localizado na parte posterior do corpo frontal. A segunda, larga com portão de correr, é utilizada como entrada de veículos, e faz ligação com o interior da edificação. A terceira porta leva à escadaria de acesso ao andar superior e a quarta porta, a única trabalhada, é a de acesso a escadaria que leva à capela (f17). Antes dela há uma janela que ventila e ilumina um escritório, sendo encimada por um sino (f18). O último cômodo do andar térreo, localizado abaixo da capela, funciona hoje como um galinheiro (f19).



15



16



17



18



19

A fachada de fundos apresenta no pavimento térreo apenas uma porta, restrita a um cômodo e uma janela em madeira lisa, além de um óculo de iluminação, no pavimento superior (capela), em formato de losango (f20 e f21). A leitura da composição estilística desta casa-sede nos remete à linguagem neoclássica; simetria, vãos retos, ausência de ornamentação formal e cobertura simplificada, em duas águas no fundo e três águas na fachada lateral direita. As cimalthas e os cunhais em madeira constituem-se, junto com os singelos capitéis, os únicos elementos decorativos externos das fachadas (f22 e f23).

O embasamento é feito em pedra, com acabamento em argamassa de cal e areia, tendo ao redor uma calçada de pedra de mão com caimento acentuado que protege a base da construção do desgaste de chuvas.

As estruturas de sustentação são em sua quase totalidade em madeira (pilares, vigas, madres, frechais, cunhais etc.), estando em sua maioria em bom estado de conservação (f24 a f26).



20



21



22



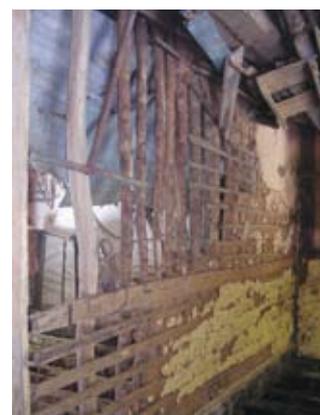
23



24



25



26

Há evidências de paredes externas com utilização de tijolos de adobe no pavimento térreo, onde encontramos também paredes de vedação em pau-a-pique, ao lado de paredes de tijolos cerâmicos modernos, como as que dão sustentação à capela, localizada no segundo pavimento (f27).

Devido a recalque das peças de madeiras, lajes e vigas de concreto foram erguidas na escada de acesso à sala, sob a cozinha e despensa, justamente sobre os espaços que estão sem portas e janelas no pavimento térreo. No andar superior, as paredes de todos os cômodos são em pau-a-pique, exceto nos banheiros, que foram construídos posteriormente, com técnica e material contemporâneo.

A cobertura em telhas de cerâmica capa e canal apresenta uniformidade (f28) e a chaminé e uma janela de visita são elementos que se destacam neste telhado contínuo.

O *hall* de entrada é amplo e decorado com pinturas campestres e florais (f29). Apresenta uma escada larga de desenho reto que encaminha o visitante diretamente a um *hall* de distribuição no andar superior, que serve de acesso ao salão e a dois pequenos aposentos finamente decorados com pinturas e papel de parede (f30 a f32), mas, separados do resto da casa por portas duplas com trancas.



27



28



29



30



31



32

O salão ainda guarda os antigos lustres e um grande espelho com moldura de madeira trabalhada. O resto da mobília, embora antiga, parece ser acanhado para o espaçoso cômodo (f33). A sala de jantar é contígua a este salão, separada da ala íntima da casa por portas duplas, que são mantidas fechadas (f34). Os cômodos que servem de quartos estão voltados para nordeste e dispostos à direita da edificação, estão bem separados dos outros setores da casa, mas interligados entre si. Seguem-se a sala de convívio, a cozinha, a despensa, outros quartos e a capela (f35 à f37). O setor íntimo é servido por outra escada interligada aos acessos secundários da casa.



33



35



34



36



37

A capela, situada também neste segundo piso, se destaca por suas grandes dimensões e por seu belo altar-mor, decorado e adornado por pintura em fio de ouro/branco, imagens sacras originais em madeira, mesas e pia batismal em mármore de Carrara. Possui acesso direto pela escada particular, ligada ao térreo, além de outra entrada interna, ao nível da área íntima da residência, no segundo andar (f38 a f41).



38



39



40



41

A antiga fazenda de café preservou o casarão original, inclusive seu uso como residência da família. O restante do conjunto, no entanto, sofreu modificações para se adequar às atividades ligadas à pecuária leiteira, que hoje sustentam a fazenda (f42).

O terreiro de café original, de acordo com a atual proprietária, ficava ao lado da casa e foi parcialmente ocupado por galpões e outras construções menores que abrigam os estábulos, o local de ordenha e bezerreiros (f43). No embasamento aparecem apenas perdas de argamassa em pontos específicos, deixando visíveis os componentes estruturais. Aparecem também estruturas de madeira (pilares e madres) que compõem a sustentação da edificação (f44 a f46).



42



43



44



45



46

Nas paredes internas, no pavimento térreo, observa-se a perda da argamassa de acabamento em várias paredes de pau-a-pique (f47 e f48). Nota-se também que os materiais contemporâneos utilizados aceleraram o descolamento da argamassa de cal e areia (f49).

No telhado, as telhas de cerâmica, tipo capa/canal, foram, segundo os proprietários, complementadas na última reforma com as do desmanche de outros anexos (principalmente da senzala), sendo fácil perceber a diferença de tonalidade entre as telhas substituídas e as existentes.

Os beirais, segundo os proprietários, sofreram recuos na época da reforma, pois, as telhas pingadeiras (bicas) eram de dimensões superiores e, por falta de modelo semelhante para reposição, foram substituídas pelas que hoje lá se encontram.

A cimalha apresenta problemas em vários pontos das fachadas, ocorrendo até a perda de partes desta, provavelmente, pela ação de insetos xilófagos, atraídos pela umidade (descendente) na madeira, acarretando assim, no primeiro momento, ataque de fungos, brocas e cupins, aparecendo manchas escurecidas em diversos pontos das fachadas (f50).

A estrutura de madeira apresenta boas condições gerais, apesar de cunhais e pilares externos aparentes apresentam perdas de elementos de acabamentos, com substituição por argamassa e até “encamisamentos”, com a colocação de pregos para servir de escora para a madeira de acabamento ou para sustentar a argamassa de recobrimento. Os cupins fizeram danos consideráveis, pois o piso da capela está visivelmente comprometido e tudo leva a crer que estes danos devem estar se propagando também internamente, nas estruturas de pau-a-pique das paredes.



47

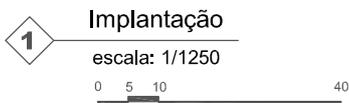
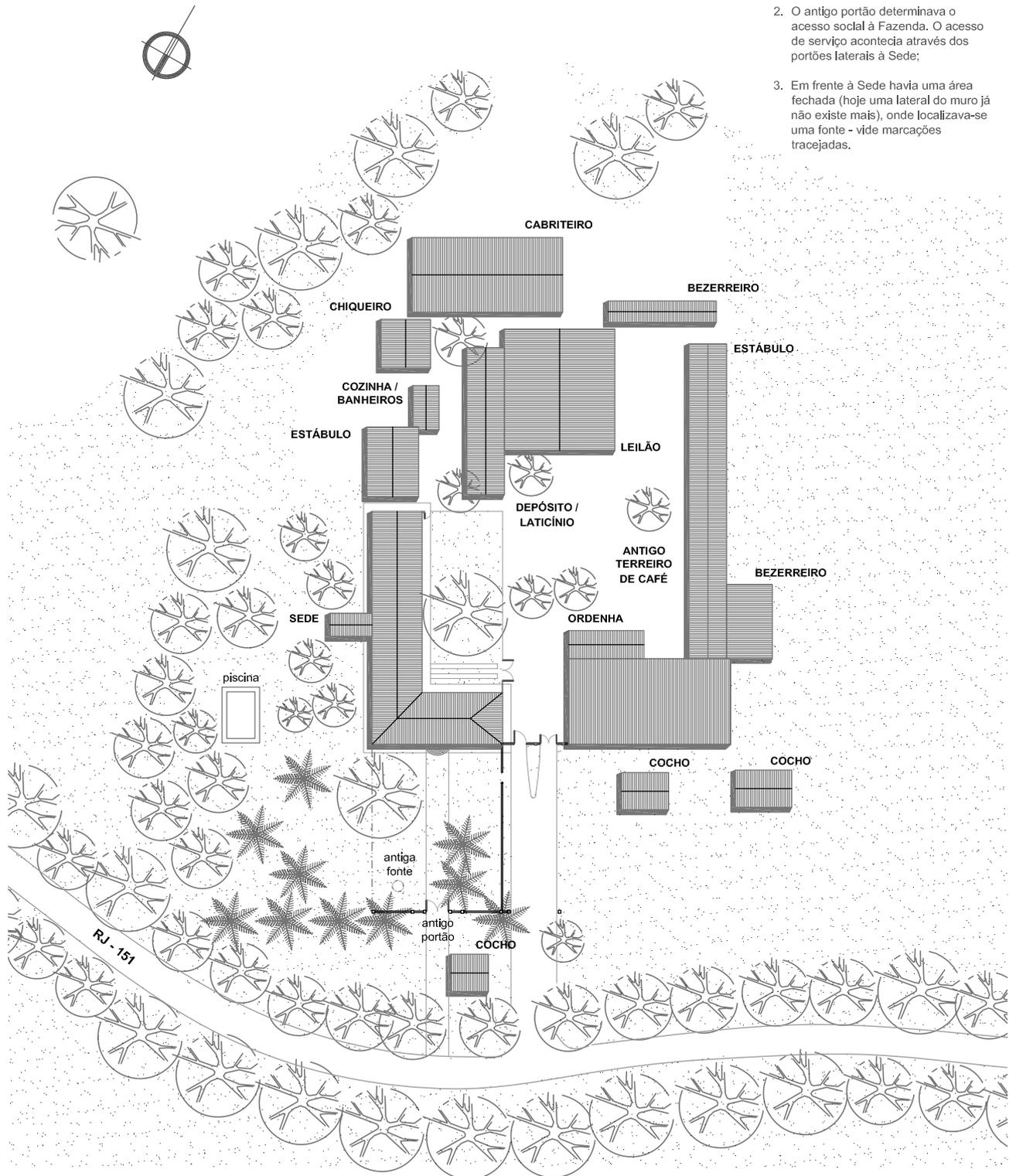


48

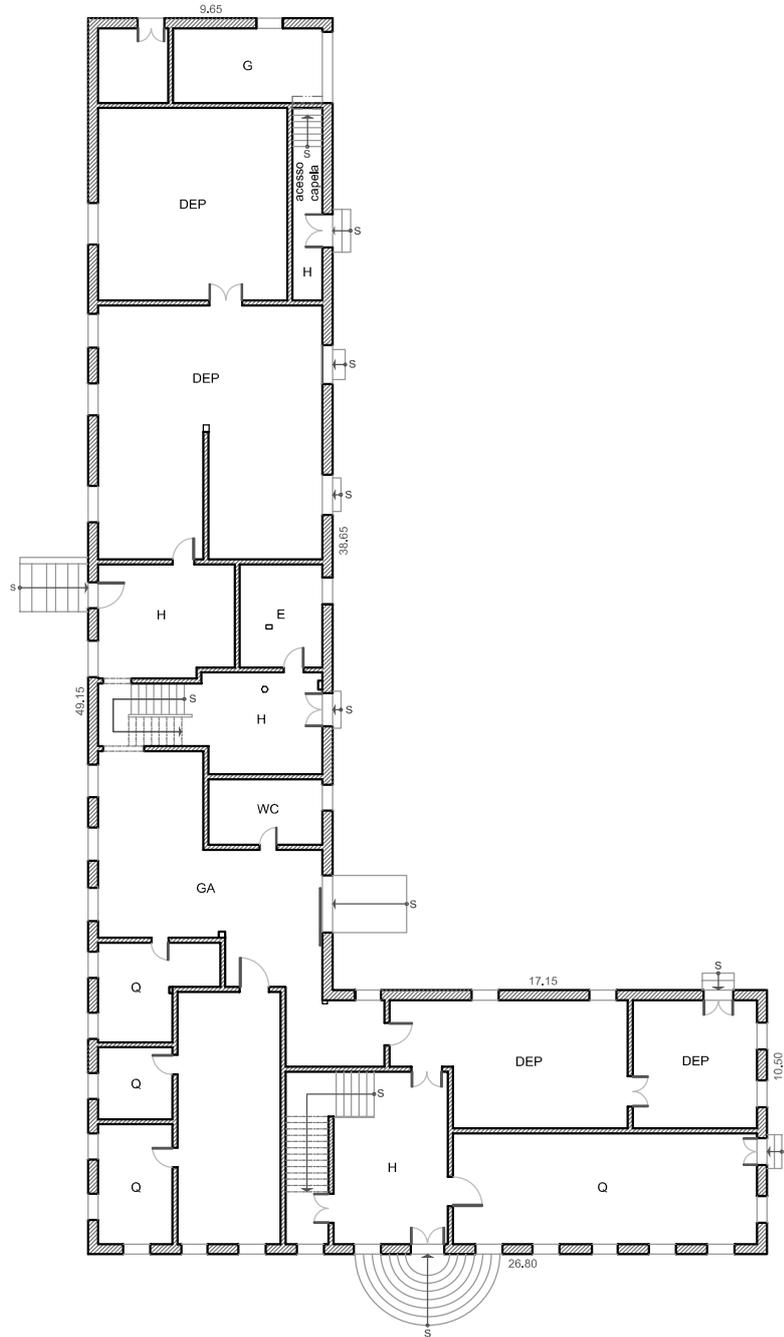
FAZENDA SÃO FIDÉLIS

Observações:

1. O cabriteiro foi construído no local onde fora a senzala;
2. O antigo portão determinava o acesso social à Fazenda. O acesso de serviço acontecia através dos portões laterais à Sede;
3. Em frente à Sede havia uma área fechada (hoje uma lateral do muro já não existe mais), onde localizava-se uma fonte - vide marcações tracejadas.



FAZENDA SÃO FIDÉLIS



1 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
 escala: 1/300



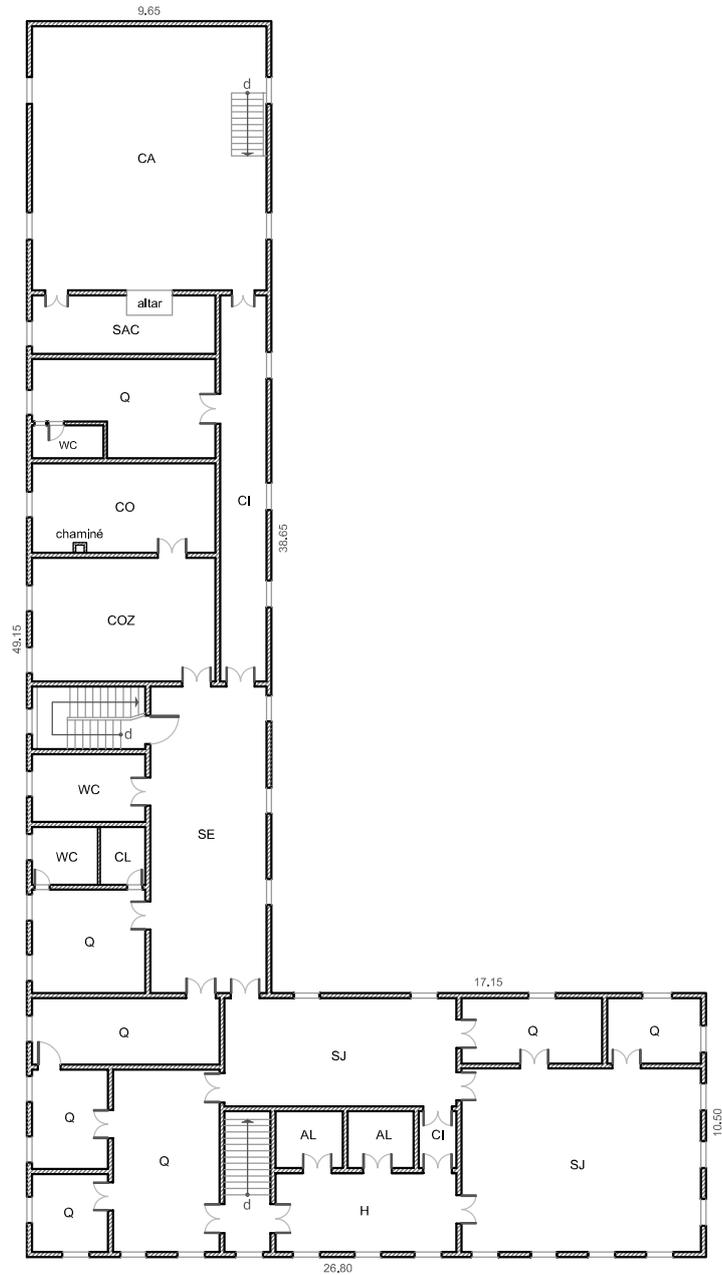
DEP - depósito
 E - escritório

G - galinheiro
 GA - garagem

H - hall
 Q - quarto

alvenaria existente
 alvenaria demolida

FAZENDA SÃO FIDÉLIS



1 Planta Baixa da Sede - 2º Pavimento
escala: 1/300



AL - alcova	CL - closet	CO - copa	H - hall	SE - sala de estar	Q - quarto	alvenaria existente
CA - capela	CI - circulação	COZ - cozinha	SAC - sacristia	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIV - F12 - PS

3/3

equipe: Domingos Aguiar / Iracema Franco / Paola Giorgini	desenhista: Paola Giorgini	revisão: Francyla Bousquet	data: dez 2008
--	-------------------------------	-------------------------------	-------------------

A fazenda São Fidélis começou a ser formada a partir de 1812, quando João Francisco Pimentel requereu e obteve da Coroa Portuguesa uma sesmaria de meia légua em quadra, na margem direita do rio Preto¹.

Não se sabe ao certo se Pimentel explorou as terras da fazenda como mandava a lei, mas, ainda na primeira metade do século XIX, a fazenda foi adquirida pelo então capitão-mor Manoel do Vale Amado e sua esposa D. Bernardina Cerqueira Vale, senhores de diversas sesmarias, entre as quais, a da União, localizada a pouca distância de São Fidélis, margem esquerda do rio Preto, na antiga província de Minas Gerais.

Tudo indica que foi Vale Amado quem fundou e deu início as atividades agrícolas na fazenda. Vale Amado foi uma das mais proeminentes figuras da história do ciclo do café na região. Foi pai do barão de Santa Mafalda e de Ângelo do Vale Amado, personalidades de destaque na sociedade (FILHO, 1973, p.81).

Em 27 de setembro de 1839, Vale Amado vendeu São Fidélis a Jacinto Alves Barbosa, que, nesta época, residia em Vassouras².

Filho do fundador da cidade de Vassouras, Francisco Rodrigues Alves, Jacinto Alves Barbosa era um homem modesto e trabalhador. Começou a vida como tropeiro nas difíceis e distantes estradas da região. Em pouco tempo, era senhor de uma das maiores fortunas de todo o Vale do Paraíba. Certa vez, interrogado pelo imperador sobre quanto café colhia, respondeu: “Algum, majestade!” (SILVA, 1991, p.177). O homem que colhia “algum” café, tinha em 1872, 1.506.000 pés de café, e mais de mil escravos³!

O Barão de Santa Justa era magro, trazia o rosto e bigode raspados, tinha os olhos azuis e era quase louro. Era cidadão de boa palestra e gostava de dar aos amigos lições de finanças, dizendo-lhes: “Por mais barato que seja o objecto, você não o deve comprar; mas quando você precisar de qualquer cousa, não regateie o preço” (SILVA, 1991, p.177).

Logo após a aquisição da fazenda, Alves Barbosa tratou de substituir a modesta vivenda de Vale Amado, por uma majestosa morada, pronta em 1847. Até os dias de hoje a construção impressiona por suas dimensões. Fica localizada em uma várzea às margens do rio Preto, tendo como fundo as escarpas da Serra das Abóboras. Um belo portão em cantaria e palmeiras imperiais marcam a entrada do edifício.

Alves Barbosa adquiriu, em 1866, as vizinhas fazendas de Sant`Ana, do Conde de Lages; e a de Santa Justa, dos herdeiros do finado Brás Carneiro Bellens. Através de desmembramentos e aquisições, fundou outras fazendas, tais como Monte Cristo; São Lourenço; Serra; Santa Maria; Jacutinga e Santa Isabel. Existia também, de sua propriedade, na província de Minas, fronteira à fazenda de Santa Justa, a enorme Fazenda do Ribeirão (ANDRADE, 1989).

Em 1866, Jacinto foi nobilitado com o título de primeiro barão de Santa Justa, passando, em 1867, a ter a respectiva grandeza.

Santa Justa faleceu em sua fazenda no ano de 1872 e, um ano depois, sua viúva a baronesa de mesmo título. Nesta ocasião foi realizado o inventário dos bens do casal e em seguida partilhado entre seus 11 filhos. Rico em detalhes sobre a fortuna acumulada pelos “Santa Justa”, o documento do inventário, apresenta a fazenda São Fidélis com as seguintes características: “Uma casa de moradia com jardim na frente e com um portão de ferro, avaliada em 12:000#000” (doze contos de réis)⁴. Os demais prédios que compunham a fazenda, eram 59 lances de senzalas, enfermaria, engenho para café, telheiros para carros, engenho de cana, lances cobertos de telhas para porcos, paiol para milho, armazém para café, moinho para fubá, galinheiro, engenho de serra, entre outros, além de cerca de 314.000 pés de café, trabalhados por 149 escravos.

A fazenda São Fidélis foi herdada pela filha, Dona Maria Jacinta, casada com o médico Balduino Joaquim de Menezes, que foram os barões de Menezes.

Em 1868, a fazenda era servida de um ramal da Estrada União Indústria, que ligava a localidade de Mont Serrat a Porto das Flores, com grandes benefícios para escoamento da produção cafeeira. Em 1881, foi criada a Companhia Ferro Carril Paraibuna, por tração animal. Esta Companhia, cujo fundador e presidente fora o próprio barão de Menezes, aproveitava o antigo leito da Estrada de União e Indústria. São Fidélis só foi atendida por estrada de ferro a vapor a partir de 1910, quando foi feita a ligação do ramal de Valença com a Estação de Barra Longa (atual Afonso Arinos), na Estrada de Ferro Central do Brasil. Para atender a fazenda, foi construída a “Parada São Fidélis”, inaugurada em 1911.

Em princípios do século XX, São Fidélis, aos poucos, substituiu a monocultura do café, pela criação do gado leiteiro. Entre as décadas de 1920/30, a fazenda era propriedade de coronel João Xavier Ribeiro. Na década de 1940, Jacson Machado, Oswaldo Fonseca e Inimá César Valle (sogro de Jacson) adquirem São Fidélis, em sociedade. Tempos depois, a sociedade foi desfeita e Jacson comprou as outras partes, tornando-se assim, o único proprietário.

¹Escritura de compra e venda entre o capitão-mor Manoel do Vale Amado e Jacinto Alves Barbosa, 1839. Livro 03,p160. Cartório de Notas do Segundo Ofício de Valença.

²Idem.

³Inventário do barão e baronesa de Santa Justa, 1873. Coleção particular.

⁴Idem.